

O operador argumentativo *mas* em duas canções: *mas* que parada é esta?

Tatiana Aparecida Moreira¹

Resumo: Neste trabalho, serão analisados enunciados, que contêm o operador argumentativo “mas” e têm como unidade temática o negro e sua cultura, presentes em duas canções, “Som de Preto”, de Amilcka e Chocolate; e “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key. A fim de observar como é construída a argumentação ao empregar-se o operador argumentativo “mas” e as posições assumidas pelas vozes e articuladas pelo locutor nos enunciados, serão utilizados, como referencial teórico, os postulados de Ducrot (1987) sobre argumentação, locutor, enunciador e pressuposição.

Palavras-chave: Canções. Argumentação. Posicionamento.

1 INTRODUÇÃO

“Operador por excelência”, o “mas”, segundo Ducrot (1987), é frequentemente utilizado nos mais diferentes enunciados, uma vez que contrapõe argumentos, servindo como uma ferramenta importante na concatenação entre os distintos segmentos de um determinado enunciado, como é o caso das canções.

A partir desse referencial teórico, neste trabalho, serão analisados enunciados de duas canções: “Som de Preto”, de Amilcka e Chocolate; e “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key, as quais, como os próprios títulos sugerem, possuem o negro como unidade temática e têm o operador argumentativo “mas” que, ao se fazer presente nas canções, traz, explicitamente ou implicitamente, pontos de vista diferentes articulados pelo locutor e expostos por meio dos enunciadores: a valorização e/ou desvalorização do povo negro e de sua cultura. Dessa forma, a fim de contextualizar a análise, será feito um pequeno esboço de como o negro é visto após a abolição.

Assim, tendo como suporte teórico os estudos de Ducrot sobre argumentação, locutor, enunciador e pressuposição, observar-se-á, nessas canções, como é construída a argumentação ao empregar-se o operador argumentativo “mas”. Desse modo, a partir da análise das duas canções, mostrar-se-á a relação entre o locutor e os enunciadores presentes nos enunciados e a forma como o locutor direciona sua exposição a fim de orientar o interlocutor a uma conclusão e não a outra.

2 COMO O NEGRO É HISTORICAMENTE VISTO

O educador Helio dos Santos, em entrevista “Lutando com dignidade e bom senso”, de 2004, faz referência ao livro *Brasil, realidade e desenvolvimento*, publicado na década de 1960, cuja finalidade era orientar professores universitários que ministravam a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros sobre a formação do povo brasileiro. Entre os povos citados, há a menção aos negros, só que estes, em muitos trechos do livro, são tratados de forma depreciativa, sendo, por exemplo, vistos como marginais, vagabundos e pessoas que estariam à margem da sociedade e por isso não mereceriam

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Vila Velha (ES).

a consideração dos demais, ratificando a exclusão sofrida por muitos negros. Um exemplo disso pode ser observado nos seguintes trechos da canção “Som de Preto”, de Amilcka e Chocolate: “É som de preto de favelado [...] a sociedade pra gente não dá valor/só querem nos criticar/pensam que somos animais”.

Em um outro trecho da referida entrevista, Santos menciona outro livro *O empresário negro no Brasil*, de Jorge Aparecido Monteiro, no qual o autor mostra como os negros foram sendo excluídos do mercado de trabalho e indo, conseqüentemente, para a informalidade, para os subempregos, para as ruas pedir esmolas ou, na pior das hipóteses, para a marginalidade. Fato que contribuiu, mais uma vez, para a manutenção da discriminação para com os negros.

Assim como Santos, o professor Carlos Vogt, no texto “Ações afirmativas e políticas de afirmação do negro no Brasil”, de 2003, também menciona como o negro é visto e a discriminação sofrida por estes ao longo dos tempos. Inicialmente, Vogt faz referência a Nina Rodrigues e a Sílvia Romero, mostrando que estes, mesmo expondo a contribuição dos negros na formação do povo brasileiro, mencionam que os negros seriam os responsáveis pela inferioridade do povo brasileiro.

Vogt cita outros estudiosos, como Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, da denominada Escola Sociológica de São Paulo, que pesquisavam o povo negro do ponto de vista das classes sociais: inicialmente na época em que eram escravos e após a abolição como trabalhadores que não conseguiam ocupar cargos de prestígio devido ao preconceito com a cor destes.

Embora o negro tenha conquistado algumas vitórias ao longo dos anos, de acordo com o professor Vogt (2003, p. 4),

[...] a grande responsável pela situação de exclusão do negro está na verdade, na estrutura de dominação da sociedade pelo *establishment* branco, consolidado no governo e difundido na sociedade civil. Passasse, pois, da democracia racial, integradora e geradora de plenos direitos para a denúncia de uma dominação real assentada sobre a base de um racismo difuso e poderoso.

Esses fatos podem ser notados nos seguintes trechos da canção “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key: “Geral tava olhando a loirinha com o negão/juntinhos de mãos dadas zoando no calçadão/foi quando de repente me veio um cidadão e perguntou loirinha o que tu viu nesse negão”.

Como se observa, mesmo tendo se passado mais de um século após a abolição da escravatura, o povo negro sofre ainda hoje com o preconceito, que às vezes é velado, outras vezes não, sendo visto de forma estereotipada por pessoas que não enxergam além da cor do outro, tendo atitudes preconceituosas por desconhecerem o verdadeiro significado da palavra alteridade.

3 POSTULADOS TEÓRICOS

Oswald Ducrot, que trabalha na perspectiva de uma Semântica Pragmática ou Pragmática Linguística, desenvolveu a denominada Teoria da Argumentação, partindo do princípio de que a língua não descreve o mundo, mas o recria. Assim, para o teórico, a principal função da linguagem seria a argumentativa. Desse modo, para que

haja argumentação, é preciso a participação de enunciadores que interajam a fim de estabelecer um elo comunicativo. Dessa forma, para Ducrot, o locutor, em sua relação com o interlocutor, expressaria sua visão de mundo e, assim, exerceria a função argumentativa.

Em *O dizer e o dito* (1987), Ducrot defende que é possível observar diferentes representações do sujeito da enunciação no enunciado. Dessa maneira, o teórico questiona a concepção de que, em cada enunciado, haveria apenas um único autor, ou seja, vai de encontro à tese de unicidade do sujeito nos enunciados, compartilhando com Bakhtin a noção de polifonia.

Na enunciação, que é a realização do enunciado, existiriam um ou mais sujeitos, que podem ser o sujeito empírico, o locutor e o enunciador. O primeiro é o autor real do enunciado, ou seja, é a pessoa que ocupa um lugar no mundo, não sendo objeto de investigação linguística. Já o segundo é uma ficção discursiva, o responsável pelo enunciado e, conseqüentemente, pela enunciação; além disso, é reconhecido pelas marcas de primeira pessoa presentes no enunciado. Ao passo que o enunciador é o responsável pelas diferentes vozes existentes, ou seja, pelos distintos pontos de vista articulados nos enunciados, não sendo, portanto, “pessoas reais”, mas perspectivas acionadas pelo locutor.

Ducrot, na obra *Polifonia e argumentação* (1988 *apud* BARBISAN, 2004), menciona que há no mínimo três atitudes do locutor para com os enunciadores: ou o locutor identifica-se com um enunciador, ou se opõe a este, ou lhe dá a sua anuência. O locutor, também, pode ter uma outra atitude em relação ao enunciador, que é a de estar de acordo com este, ainda que o enunciado não tenha por finalidade coincidir com o ponto de vista desse enunciador, como acontece na pressuposição, pois, para o teórico, citado por Koch (1987, p. 59), “[...] pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Ou seja, deixar no enunciado os vestígios de um saber anterior.

Como se nota, o locutor coloca em cena a figura dos enunciadores e estes apontam para diferentes pontos de vista e o locutor identifica-se com um desses enunciadores. Assim, segundo Ducrot, a interação social caracteriza-se pela argumentação, pois no enunciado estariam presentes os nexos com outros enunciados, cujo objetivo é o de orientar o interlocutor para uma conclusão e não outra, por isso os operadores argumentativos desempenhariam um papel importante para que isso aconteça. Dessa forma, cada enunciado tem dois segmentos (S1 e S2), um ligado ao outro por meio de operadores argumentativos, uma vez que um segmento só adquire sentido a partir do outro.

Assim, os operadores argumentativos têm como função mostrar o caminho para o qual a argumentação está direcionada. E o “mas”, considerado por Ducrot o “operador argumentativo por excelência”, desempenha um papel significativo para apontar as direções para as quais convergem determinados pontos de vista, pois tem por finalidade introduzir um argumento plausível para uma conclusão R, para, em seguida, colocar um argumento definitivo para a conclusão contrária, não-R (~R). Desse modo, a ligação entre os dois segmentos com seus distintos pontos de vista

acontece porque as diferentes vozes articuladas fazem-se presentes e entram em embate por meio dos nexos (operadores argumentativos) adotados pelo locutor.

4 ANÁLISE DAS CANÇÕES

São analisados alguns enunciados das canções “Som de Preto”, de Amilcka e Chocolate; e “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key.

Som de Preto <i>Amilcka e Chocolate</i>	A Loirinha, o Playboy e o Negão <i>Kelly Key</i>
É som de preto De favelado Mas quando toca ninguém fica parado Tá ligado	Geral tava olhando a loirinha com o negão juntinhos de mãos dadas zoando no calçadão foi quando de repente me veio um cidadão e perguntou loirinha o que tu viu nesse negão o que vi dentro dele não vi dentro de você me dê papel, caneta que já vou lhe responder meu preto é 100% e me coloca pra chorar só pra tirar uma onda playboy, vou te esculachar
É som de preto De favelado (Demorô) Mas quando toca ninguém fica parado	Refrão: por isso eu fiz essa canção pensando no meu jeito pro playboy ouvir e rever seus conceitos ele é escuro sim! é um tremendo negão mas não lhe falta educação e respeito
O nosso som não tem idade, não vê raça E nem vê cor Mas a sociedade pra gente não dá valor Só querem nos criticar pensam que somos animais Se existia o lado ruim hoje não existe mais Porque o funkeiro de hoje em dia caiu na real Essa história de porrada isso é coisa banal Agora pare e pense, se liga na resposta Se ontem foi a tempestade hoje vira a bonança	
É som de preto De favelado Mas quando toca ninguém fica parado Tá ligado	
É som de preto De favelado (Demorô) Mas quando toca ninguém fica parado	
Porque a nossa união foi Deus quem consagrou Amilcka e Chocolate é new funk demorô E as mulheres lindas de todo o Brasil Só na dança da bundinha pode crer que é mais de 1000 Libere o seu corpo vem pro funk vem dançar Nessa nova sensação que você vai se amarrar Então eu peço liberdade para todos nós Dj's Porque no funk reina paz e o justo é o nosso rei	
É som de preto De favelado Mas quando toca ninguém fica parado Tá ligado	

<p>É som de preto De favelado (Demorô) Mas quando toca ninguém fica parado</p>	
<p>É som de preto De favelado Mas quando toca ninguém fica parado Tá ligado</p>	
<p>É som de preto De favelado (Demorô) Mas quando toca ninguém fica parado</p>	
<p>É som de preto De favelado Mas quando toca ninguém fica parado Tá ligado</p>	
<p>É som de preto De favelado (Demorô) Mas quando toca ninguém fica parado</p>	

4.1 SOM DE PRETO

Como o próprio estilo musical sugere, “Som de Preto” traz toda a alegria e a energia típicas do *funk*. Além disso, observa-se, por meio dos intérpretes, a forma preconceituosa como a sociedade vê o povo negro. No entanto, os funkeiros tentam resgatar isso, mostrando que do povo negro existe muita coisa boa, como é o caso do som produzido e cantado por eles.

No primeiro enunciado “É som de preto/de favelado/mas quando toca ninguém fica parado”, o locutor introduz o argumento A (É som de preto/de favelado) que pode levar a conclusão de que o som não é bom e não é digno de ser ouvido por “pessoas de bem”, por se tratar de “Som de preto/de favelado”. Já o argumento B (mas quando toca ninguém parado) conduz para a conclusão contrária, a de que o som é bom. E se nota que este é o argumento mais forte, uma vez que o som, por ser de preto e de favelado, poderia ser considerado como algo ruim, no entanto, não é isso que os funkeiros querem mencionar, deixando o seu recado: mesmo com todo o preconceito existente contra os negros residentes nas favelas, o que é produzido lá é algo que transcende os limites das periferias e faz todo mundo cantar e dançar, não só pela facilidade de se memorizar a letra da canção, mas também pelas coreografias que, na maioria das vezes, são sensuais e, conseqüentemente, envolvem e contagiam todos. Essa facilidade de assimilação e de aceitação traz implicitamente outra voz: a de que os negros estão demonstrando o seu talento e o seu valor, deixando para trás o rótulo de “vagabundos, marginais e inferiores”, como são considerados por muitas pessoas ao longo da história.

Nesse enunciado, observa-se que o conteúdo posto é o de que o som é bom, com conseqüente valorização de quem o produz: o negro residente nas favelas. E o que está pressuposto é o discurso que desqualifica o negro. Assim, nota-se a presença de quatro enunciadores: E1 enuncia: “É som de preto/de favelado”; E2, a partir do que foi

dito pelo primeiro enunciador, tira a seguinte conclusão: “o som” seria algo ruim de ser ouvido, por ser “som de preto/de favelado”; E3 menciona que quando o *funk* é tocado ninguém consegue ficar sem se movimentar, ou seja, sem dançar; E4, por sua vez, opõe-se a E2, pois não desqualifica a canção como faz E2, ao contrário, diz que é de qualidade.

Assim, percebe-se que, pelo contexto, o locutor tem as seguintes atitudes: admite o argumento dito por E1, que é uma voz geral, mas não concorda com esse argumento; rejeita o que é mencionado por E2 de que o “som” é ruim; identifica-se com E3 e E4, pois são os pontos de vista expostos por esses enunciadores que o locutor defende, levando E1 e E2 a aceitarem esses pontos de vista. Assim, percebe-se que a orientação argumentativa adotada pelo locutor é a que tem por base os enunciadores E3 e E4, ou seja, a que mostra a valorização de uma cultura. Desse modo, E1 contém o ponto de vista de X e E2 tira uma conclusão R a partir do que foi mencionado em X. Já E3 afirma o ponto de vista Y e E4 conclui por $\sim R$, com base no que foi argumentado por E3.

No enunciado “O nosso som não tem idade, não vê raça e nem vê cor/Mas a sociedade pra gente não dá valor”, também é encontrada contraposição de argumentos. O locutor expõe um argumento A que leva a seguinte conclusão: o som não faz distinção entre as pessoas, pois qualquer um pode ouvir e curtir. Em contrapartida, o argumento B, o mais forte, remete a uma conclusão contrária: a de desvalorização do negro, uma vez que, segundo os funkeiros, a sociedade não os valoriza. Nota-se, nessa parte, que o conteúdo posto é o de depreciação do negro, já o pressuposto é o do preconceito histórico.

Também, nesse enunciado, há a presença de quatro enunciadores: E1 menciona que o *funk* não faz distinção entre as pessoas, pois qualquer um pode ouvi-lo; E2, a partir do que é exposto por E1, tira a conclusão de que o “som” não é preconceituoso e, portanto, deveria ser mais valorizado; E3, por sua vez, relata que a sociedade não valoriza o “som” produzido pelos negros; E4 conclui que a sociedade não valoriza o “som” produzido pelos negros, porque é preconceituosa, com base no argumento de E3.

A partir dos argumentos expostos pelos enunciadores, o locutor tem como atitudes: aprova o que fora mencionado por E1 e por E2, pois reconhece que o “som” é bom, pode ser ouvido por quaisquer pessoas e, por isso, deveria merecer o reconhecimento de todos, não só de uma pequena parcela da sociedade; recusa E3, uma vez que este traz o argumento de que a sociedade desqualifica o “som”; identifica-se com E4, uma vez que esse enunciador representa a voz do locutor, pois há a menção ao preconceito. Como se observa, E1 aponta para o ponto de vista X e E2 chega à conclusão R, a de se dar mais valor ao “som” produzido, com base em X. No entanto, E3 expõe o argumento Y, o mais forte, no qual é relatada a desvalorização sofrida pelo negro e E4 conclui por $\sim R$, o qual traz a voz de que a sociedade ainda é preconceituosa.

Desse modo, no primeiro enunciado analisado (“É som de preto/de favelado/mas quando toca ninguém fica parado”), o locutor orienta a argumentação no sentido de mostrar a valorização do negro, ao passo que, no segundo enunciado (“O

nosso som não tem idade, não vê raça e nem vê cor”/mas a sociedade pra gente não dá valor”), mesmo sendo exposto o fato de que o “som” produzido é bom e por isso deveria ser melhor visto pela sociedade, o argumento mais forte é o que mostra a desvalorização do negro por uma parcela significativa da sociedade devido ao preconceito ainda existente.

4.2 A LOIRINHA, O PLAYBOY E O NEGÃO

Na canção, uma mulher (a loirinha) é questionada por um homem (o *playboy*) sobre o fato de estar andando de mãos dadas com um “negão” e ela, por sua vez, contesta essa atitude do *playboy*.

O enunciado a ser analisado é o seguinte: “ele é escuro sim/é um tremendo negão/mas não lhe falta educação e respeito”.

O locutor introduz o argumento A (ele é escuro sim/é um tremendo negão) que pode conduzir à conclusão de que o negro não é uma boa pessoa. Contudo, ao expor o argumento B (mas não lhe falta educação e respeito), o locutor menciona que o negro, mesmo sendo considerado historicamente como alguém “sem educação e sem respeito”, é uma pessoa de princípios e tem os seus valores. Observa-se que esse argumento B é o mais forte, pois a moça não se importa com o que os outros irão falar ou pensar, porque, para ela, o mais importante é o caráter da pessoa, algo que falta ao *playboy*, tendo em vista que este não respeita as decisões dos outros e ainda por cima quer se intrometer em algo que não lhe diz respeito.

Nota-se que, no enunciado “ele é escuro sim/é um tremendo negão/mas não lhe falta educação e respeito”, o conteúdo posto é o de valorização do negro, uma vez que a loirinha dá uma lição no *playboy*, mostrando, por meio de suas palavras, que este é preconceituoso e deveria não ter mais atitudes como a que teve ao ver a moça com um rapaz negro, pois a integridade das pessoas é algo inerente e está além da aparência física. Já o conteúdo pressuposto é o discurso que desvaloriza e denigre a imagem do negro, mostrando-o como alguém desonesto e indigno da companhia dos outros.

Nesse enunciado, nota-se a presença de quatro enunciadores: E1 relata que o indivíduo mencionado é “escuro” e um “tremendo negão”; E2, a partir do que E1 apresenta, traz, implicitamente, a desqualificação do negro, pois o namorado da moça, por ser “escuro” e “negão”, “deveria” ser mal educado e desrespeitoso, ou seja, uma má pessoa; E3 argumenta que o rapaz tem educação e respeito; E4 leva a conclusão de que o jovem é uma boa pessoa, a partir da exposição de E3.

O locutor, com base nos argumentos expostos pelos enunciadores, apresenta as seguintes posturas: admite E1; rejeita E2 por desvalorizar o negro; identifica-se com E3 e E4. Como se percebe, o locutor E1 apresenta o ponto de vista X e, a partir deste, E2 chega à conclusão R, a de repúdio ao negro. Todavia, E3 expõe o argumento Y que leva E4 a concluir por ~R: a valorização do negro.

Como se observa, o locutor expõe dois argumentos: X e Y. O primeiro leva o interlocutor a concluir por R: ligada ao preconceito histórico no qual o negro é visto como incompetente e inábil. Já o segundo orienta o interlocutor à conclusão contrária

(~R): a que dignifica e valoriza o negro. Assim, o locutor, inicialmente, apresenta o argumento X para depois expor o Y, o mais forte, e o que vai orientar o interlocutor a chegar à conclusão realmente pretendida por ele: mostrar para todos os preconceituosos que a dignidade, algo não presente no *playboy*, não está no fato de se ter uma cor A ou B, pois é algo inerente ao ser humano e não tem relação com a cor de ninguém.

Como se pode observar, a postura adotada pelo locutor, nos enunciados analisados das duas canções, direciona e orienta para a argumentação pretendida e esse locutor, por meio dos enunciadores, ora se manifesta a favor do negro, ora contra este, mostrando isso através dos conteúdos posto e pressuposto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou alguns enunciados de duas canções, “Som de Preto”, de Amilcka e Chocolate; e “A loirinha, o playboy e o negão”, de Kelly Key, mostrando que o “mas”, “o operador argumentativo por excelência”, como postula Ducrot, mais do que introdutor de conclusões contrárias, funciona como um divisor não só entre os enunciadores identificados, mas também demonstra a posição ocupada por esses enunciadores a partir dos lugares que enunciam, pois dependendo dos “conceitos” existentes na sociedade, cada um vai enunciar de lugares discursivos diferentes, os quais podem indicar desde “falsos conceitos”, como é o caso da imagem negativa atribuída ao negro ao longo da história, à desmistificação desses “pseudo-conceitos”, como a valorização de pessoas que só contribuíram para a formação do povo brasileiro.

Como se observa, muitos têm preconceito contra o negro por causa de pré-conceitos, ou seja, devido a algo construído historicamente e que, de alguma forma, ainda está arraigado em parcela significativa da população.

No entanto, mais do que a identificação do locutor com um desses enunciadores, é importante que essa questão do preconceito contra o negro seja eliminada, pois não se pode, em pleno século XXI e com todos os avanços da genética, apenas olhar para o cidadão e taxá-lo de marginal ou de desqualificado pelo fato de ser negro. E é claro que a partir de uma mudança histórica e cultural é que enunciados como os analisados, neste trabalho, não mais existirão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBISAN**, Leci Borges. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (orgs). *Investigando a linguagem em uso: estudos em linguística aplicada*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004. p. 57-77.
- DUCROT**, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT**, Oswald. *Princípios de semântica linguística (o dizer e não dizer)*. Trad. Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FLORES**, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUIMARÃES**, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- INDURSKY**, Freda. Os estudos da linguagem e suas diferentes concepções de língua. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília (orgs). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005.
- KOCH**, Ingedore G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH**, Ingedore G. V. *argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- SANTOS**, Helio dos. *Lutando com dignidade e bom senso*. 2004. Entrevista concedida a Marcelo Bessa, Rio de Janeiro, 20 jul. 2004. Disponível: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia>>. Acesso em: 22 jul. 2007.
- VOGT**, C. A. Ações afirmativas e políticas de afirmação do negro no Brasil. *ComCiência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, Campinas, v. 49, 2003. Disponível: <<http://www.comciencia.br/reportagens>>. Acesso em: 22 jul. 2007.